

Trabalho virtual?



Por **RICARDO ANTUNES***

Nenhum smartphone, tablet ou assemelhado pode sequer existir sem a interação com as atividades humanas

1.

O nosso mundo (nosso?) é mesmo muito estranho. Por isso não é possível deixar de recordar aqui a obra prima de Ciro Alegria, *Ancho e lejano es el mundo*, menos pelo seu conteúdo (um mergulho profundo no mundo indígena e amazônico latinoamericano), mas dele me recordo pela força e atualidade da metáfora presente em seu título.

É mesmo muito esquisito esse mundo. No ano passado, por exemplo, para voltarmos bem pouco no tempo, tudo parecia seguir uma normalidade lépida, faceira e ligeira. Veloz como um bólido, mas cambaleante como um bêbado. A diferença abissal entre ricos e pobres seguia seu curso “natural”, na bonança (coisa do passado) e nas crises, estas últimas convertidas em um verdadeiro *depressed continuum*, para recordar István Mészáros.

Assim, o desenfreado relógio da tecnologia continuava – para fazer uma remissão à insuperável metáfora de Karl Polanyi – turbinado como o “moinho satânico”. Plasmada predominantemente pelos movimentos dos mercados e das corporações, a tecnologia de nosso tempo continuava conectada, sempre *on line*. Sem direito à desconexão. Que a devastação da natureza seguisse seu curso impiedoso e letal, que a destruição do trabalho fizesse explodir bolsões de miséria e pobreza em quase *todos os cantos do mundo*, era uma consequência inevitável do *espírito do tempo*. Afinal, a compensação se encontrava no regozijo dos novos barões globais.

E foi desse modo que o mundo maquínico-informacional-digital não descansou, impelido pelo capital financeiro, o mais asséptico de todos, aquele cujo *mister é sempre fazer mais dinheiro*, como já disse um dia alguém.

Essa nova realidade “virtual” não poderia deixar de esparramar um palavrório diferenciado, um novo léxico global: *gig-economy*, *sharing economy*, *platform economy*, *crowd sourcing*, *home office*, *home work* etc. E foi assim, na mesma onda, com o *virtual work*, que deixou de ser espaço de reflexão dos filósofos e físicos e ganhou de vez as páginas dos jornais, revistas, internet, redes sociais, poluindo os apoloéticos panfletos empresariais, repetidos *ad nauseam* por CEOs. Como quase tudo que se esparrama como vírus, o conteúdo parece menos importar. O que vale é ter impacto midiático.

Mas, antes de tratar contemporaneamente do trabalho virtual, é bom recordar, mesmo que sumariamente, o que é verdadeiramente *substantivo*: o *trabalho*.

2.

Desde logo é preciso dizer que o terreno é tortuoso e movediço. Um verdadeiro vale tudo. Mas, se como nos ensinou o gênio de Guimarães Rosa, “*pão ou pães, é questão de opiniões*”, aqui vai a nossa.

Em sua ontogênese, o *trabalho* nasceu e floresceu como um autêntico exercício humano, ato imprescindível para tecer, plasmar e deslanchar a vida, produção e reprodução do ser que acabava de se tornar social. E, ao assim proceder, suplantamos o último animal pré-humano. Foi por isso que György Lukács, em sua *Ontologia do ser social*, recorreu a

Aristóteles para apresentar os dois elementos fundamentais explicativos desse novo *ato humano*: o *pensar* e o *produzir*. Compete ao *primeiro* a delimitação da finalidade e dos meios para sua efetivação, sendo que ao segundo, cabe a concreção do fim pretendido, efetivar a sua realização.

Pode-se dizer, então, que os ingleses acertaram, em sua linguagem, ao conceber essa *atividade humana vital* para manter o *metabolismo entre humanidade e natureza* como *work*. E assim o fizeram para que se pudesse claramente diferenciar de *labour*, aquele outro *modo de ser do trabalho* que remete a sujeição, vilipêndio, *tripalium* e que acabou por desfigurar o trabalho, na antessala da Revolução Industrial, fazendo-o assumir uma “segunda natureza”.

O trabalho deixou de ser *atividade vital* para a reprodução humano-social e metamorfoseou-se, convertendo-se em *força de trabalho* especial, imprescindível para a criação de uma riqueza excedente que passou a ser privadamente apropriada pela nova classe oriunda dos burgos. Vê-se, então, ao menos neste caso, a clara superioridade da língua de Shakespeare: *trabalho, travail, arbeit, lavoro, trabajo*, nenhuma delas oferece a clareza do binômio *work e labour*.

E foi assim que o único meio possível de sobrevivência para as massas camponesas e urbanas pobres e despossuídas se transformou indelevelmente e tornou-se uma imposição: laborar para não desempregar.

O imbróglio não foi pequeno e mudou profundamente o modo de vida da humanidade. Isto porque aquilo que, junto com a aparição da humanidade, germinou como um valor, transfigurou-se em um desvalor (ou não-valor), para poder “livremente” criar um mais-valor. Que passou a ser apropriado privadamente por outrem. A alquimia da modernidade estava, enfim, realizada.

3.

Como entender, então, contemporaneamente, o trabalho virtual?

Um primeiro ponto é ontologicamente central: se esta modalidade de trabalho não para de se expandir aqui e alhures, é bom não esquecer que nenhum *smartphone*, *tablet* ou assemelhado pode sequer existir sem a interação com as atividades humanas, inclusive aquela que nos remete às cavernas: o trabalho de extração mineral, realizado nas minas chinesas, africanas ou latino-americanas.

Não há celulares, computadores, satélites, algoritmos, *big data*, internet das coisas, indústria 4.0, 5G, ou seja, nada do chamado mundo virtual e digital que não dependa do *labor* que começa nos subterrâneos, nas “*sucursais do inferno*”.

Como pude indicar em *O privilégio da servidão*^[1], no plano fílmico, essa concretude é exasperada no filme *Behemoth*, de Zhao Liang. Sob temperatura desertificada, os acidentes, as contaminações do corpo produtivo, as mutilações, as mortes, eis o cenário *real*, a *protoforma* que plasma o mundo *virtual* com suas tecnologias da informação. E aqui faço um breve depoimento pessoal: como sociólogo do trabalho, visitei, uma única vez, uma mina, em Criciúma, Santa Catarina. Tão breve quanto descí aos infernos, pedi para subir à superfície. Bastou – e me marcou para sempre – a inesquecível, forte e lúgubre experiência.

Assim, uma efetiva compreensão do que é contemporaneamente o trabalho virtual nos obriga a romper, desde logo, um duplo limite, que oblitera seus sentidos e significados. O primeiro diz respeito ao forte traço eurocêntrico que frequentemente “esquece” que a maior parte da força global de trabalho está fora dos países do Norte. Esta se encontra *pesadamente* nos países do Sul, nas periferias globais, como China, Índia (e outros países asiáticos), além da África (África do Sul) e América Latina (Brasil, México). Estes países têm enorme força de trabalho, o que desde logo obsta qualquer formulação “generalizante” acerca dos significados do trabalho, quando a dita cuja se restringe estritamente ao Norte e exclui o Sul.

O segundo limite é, em alguma medida, consequência do anterior. Dada a complexidade atingida nas últimas décadas pela *divisão internacional do trabalho*, com a consequente expansão das *novas cadeias produtivas de valor*, há uma imbricação indissolúvel entre as chamadas atividades intelectuais e aquelas ditas manuais (sabemos, por certo, do enorme limite destas definições rígidas). Ou, nas palavras da qualificada socióloga do trabalho Ursula Huws, entre as atividades de “criação” e aquelas mais “rotineiras”^[2], que se ampliam no universo do trabalho virtual, *online*, com suas ferramentas de comando digital, *softwares* etc. e que cada vez mais se inserem nos processos produtivos fabris, agronegócios, nos

escritórios, serviços, comércio etc^[3].

Mas é imperioso enfatizar, uma vez mais, que tais atividades sequer poderiam existir sem a produção de mercadorias que se originam em espaços como as *sweatshops* da China ou outros espaços produtivos do Sul^[4]. Na síntese de Ursula Huws: sem a produção de energia, cabos, computadores, celulares e tantos outros produtos materiais; sem o fornecimento das matérias-primas; sem o lançamento de satélites espaciais para carregar os sinais; sem a construção de edifícios onde tudo isso é produzido e vendido, sem a produção e a condução de veículos que viabilizem sua distribuição, sem toda essa infraestrutura material, a *internet* não poderia sequer existir e menos ainda ser conectada^[5].

Recentemente, nas plataformas digitais essa realidade vem se exacerbando ao limite. Os *algoritmos*, concebidos e desenhados pelas corporações globais para controlar os *tempos, ritmos e movimentos* de *todas* as atividades laborativas, foram o ingrediente que faltava para, sob uma *falsa aparência de autonomia*, impulsionar, comandar e induzir modalidades intensas de extração do sobretrabalho, nas quais as jornadas de 12, 14 ou mais horas de trabalho estão longe de ser a exceção. O curioso mundo *virtual* algorítmico, então, convive muito bem com um trágico mundo *real*, onde a predação ilimitada do corpo produtivo do trabalho regride à fase pretérita do capitalismo, quando ele deslanchava sua “*acumulação primitiva*” com base no binômio *exploração e espoliação*, ambos ilimitados^[6].

Assim, ao contrário de um imaginário mundo do trabalho virtual, *ascético, limpo, paradisíaco*, dadas as clivagens e diferenciações presentes na desigual divisão internacional do trabalho, estamos presenciando, simultaneamente, tanto a expansão do trabalho virtual quanto a ampliação do trabalho manual, visto que as primeiras dependem indelevelmente de uma infinidade de ações humanas que se desenvolvem no mundo coisal, objetivo, material.

Portanto, uma efetiva compreensão do significado *real do trabalho virtual* não pode obliterar e “apagar” estes traços centrais acima indicados, que tornaram o mundo do capital de nosso tempo um complexo emaranhado, que se encontra enlacrado até o pescoço. E que a pandemia exasperou e desnudou.

***Ricardo Antunes** é professor titular de sociologia do trabalho no IFCH/Unicamp. Autor, entre outros livros, de *Os sentidos do trabalho (Boitempo)*.

Publicado originalmente na revista [Com Ciência](#).

Notas

[1] Boitempo, 2020, 2ª edição revisada e ampliada.

[2] Ursula Huws, *Labor in the global digital economy*, (Londres, Merlin, 2014), p. 157.

[3] Ursula Huws, *Labor in the global digital economy*, cit. Ver também o excelente livro *The making of a Cybertariat: Virtual work in a real world* (Londres, Merlin, 2003), publicado em edição especial pela Ed. da Unicamp, 2017.

[4] Ursula Huws, *Labor in the global digital economy*, cit., p. 157.

[5] Ibidem, p. 157-8.

[6] Ver Antunes (Org.), *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (Boitempo).